

Vantagens do cooperativismo para desenvolvimento da produção rural no distrito de demarcação, Porto Velho, RO

Advantages of cooperativism for the development of rural production in the nazaré district, Porto Velho, RO

Nina Bernardes Trolly¹

Suenne Riguetto Machado²

RESUMO: Este estudo buscou compreender o modelo de negócio envolvido no processamento e venda da mandioca procedente da agricultura familiar na região do Rio Machado, especificamente no distrito de Demarcação, no Estado de Rondônia. O objeto de estudo foi a casa de farinha da associação de moradores da comunidade e a Agroindústria de Farinha de Mandioca Manoel Fernandes. Mesmo com uma indústria em perfeito estado para processamento da mandioca, os pequenos agricultores da região insistem em utilizar as instalações da casa de farinha para processamento individual do produto retirado do campo, contudo entende-se que, por este modelo de gestão e processamento da produção, os agricultores têm dificuldade em se posicionar no mercado tornando a obtenção de lucro uma tarefa difícil de ser alcançada. Durante a Operação Cinquentenário do Projeto Rondon, foi proposta a utilização do modelo cooperativista durante a oficina: “Cooperativismo – O que são cooperativas? Quais as vantagens? ”, utilizando a agroindústria local e a cooperativa já existente, porém sem grande representatividade. Como resultado do estudo, pudemos observar o pleno entendimento dos produtores sobre o modelo cooperativista e as vantagens de sua utilização.

PALAVRAS-CHAVES: mandioca; farinha; cooperativismo; Rondônia; Projeto Rondon

ABSTRACT: This study sought to understand the business model involved in the manufacture and sale of cassava flour from family farms in the Machado River region, specifically in Demarcação one district of the State of Rondônia in Brazil. The study object was the flour house of the community residents' association and the Agroindústria de Farinha de Mandioca Manoel Fernandes. Even with an industry in perfect condition for cassava processing the small farmers of the region insist on using the facilities of the flour house for individual manufacturing of the cassava, however it is understood that by this model of management and processing of the farmers have difficulty positioning themselves in the market making profit making a task more difficult to

¹ Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro – Niterói, RJ - ninatrolly@gmail.com

² Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro – Niterói, RJ - sriguette@gmail.com

achieve. During the Operação Cinquentenária of the Projeto Rondon it was proposed to use the cooperative model using the local agroindustry and the existing cooperative, but without great representativeness. As a result of the study we could observe the full understanding of the producers about the cooperative model and the advantages of its use.

KEY-WORDS: cassava; flour; cooperativism; Rondônia; Rondon Project

Introdução

Pela facilidade com que é cultivada, grande resistência as mais adversas condições climáticas e baixo custo de produção, a mandioca faz parte da plantação da maioria dos pequenos produtores agrícolas do Brasil segundo a Embrapa. Hoje, a raiz integra a dieta regular da população de muitos países, principalmente os de clima tropical com grande parcela da população de baixa renda, como o Brasil. O maior país da América do Sul produz cerca de 15% da mandioca mundial. A safra nacional em 2014 alcançou 23 milhões de toneladas, 10% a mais que a do ano anterior e vem crescendo.

Rondônia é o 12º produtor nacional de mandioca. Em 2014, foram colhidas 545,4 mil toneladas e movimentou 127,02 milhões de reais no mercado consumidor, superando a movimentação financeira das colheitas de hortaliças, arroz e feijão, conforme informações do IBGE. Ainda segundo dados do Grupo de Coordenação estatística do IBGE, a mandioca está à frente da produção de soja (que ocupa a 14ª posição no ranking) do milho e do feijão (18ª posição) e da banana (19ª posição). O cultivo da mandioca está presente nas lavouras dos 52 municípios do estado de Rondônia integrando a cultura agrícola e explorada principalmente por agricultores familiares. Acredita-se que 75% da produção de mandioca no estado vire farinha.

Em Rondônia, os agricultores familiares são mais de 80% dos produtores rurais e são responsáveis por consolidar o estado como grande produtor de raízes e grãos. É reconhecida a dificuldade da produção rural familiar brasileira, uma vez que é difícil o acesso dessas pessoas às tecnologias, principalmente no estado de Rondônia, nos distritos do Baixo Madeira onde o acesso à internet é praticamente inexistente. O principal meio de processamento da mandioca no estado vem da produção informal pelas casas de farinhas, particulares ou pertencentes a associações de moradores.

Agroindústria familiar e o processamento individual da produção

O agronegócio tem grande importância econômica e social no estado de Rondônia. Em uma pesquisa realizada pela Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Regularização Fundiária (SEAGARI), em 2015, constatou-se que 25,9% das agroindústrias familiares trabalhavam com derivados da mandioca.

Segundo Mior (2005), a agroindústria familiar rural é uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando, sobretudo, à produção de valor de troca que se realiza na comercialização. Para Pelegrini e Gazolla (2008), entende-se a agroindústria familiar como uma atividade de produção de produtos agropecuários com consequente

transformação destes em derivados alimentares de diversos tipos, ocorrendo, nesse processo, a agregação de valor ao produto final. Podemos ainda ressaltar que nesses empreendimentos é grande a relevância do trabalho e da gestão por meio dos próprios integrantes da família que gere as estratégias que serão adotadas.

Pequenos produtores familiares ainda que transformem seu produto bruto em um produto final mais valioso, dificilmente conseguem se posicionar no mercado formal, o que dificulta a geração de lucro significativo. Na comunidade de Demarcação, existem cerca de 20 famílias que se beneficiam do plantio e processamento da mandioca, porém nem a metade de produtores entende o potencial do produto que tem em mãos.

O modelo de processamento e escoação da produção na casa de farinha

A casa de farinha pertencente à associação de moradores de Demarcação funciona da seguinte forma: em dias pré-determinados, os agricultores que pagam uma pequena taxa de utilização têm a casa de farinha e maquinário a sua disposição. Algumas vezes, por não conseguirem a quantidade mínima para o funcionamento, os produtores se juntam em pequenos grupos para tratarem juntos a mandioca colhida.

Uma vez transformada em farinha, a mandioca produzida organicamente é ensacada em sacos de 50 kg e vendida às margens do Rio Machado para atravessadores que levam o produto final à capital Porto Velho e a outras comunidades do Baixo Madeira.

Os pequenos produtores recebem em dinheiro diretamente das mãos dos atravessadores na beira do rio, o que causa uma falsa sensação de lucro pela produção vendida, entretanto, não é levado em consideração o valor do trabalho manual, tempo, entre outros fatores que deveriam influenciar o preço. Somente é calculado o preço de venda menos o preço de plantio.

A falta de informação é um fator influenciador importante nesta negociação. Foi observado que um dos conceitos em alta nas grandes cidades não é levado em consideração, o cultivo orgânico. A mandioca é plantada com a mínima utilização de agrotóxicos e fertilizantes, o que a torna um produto com altíssimo valor de mercado nas grandes capitais, contudo, isto não é levado em conta pela falta de certificações dadas pelos órgãos competentes e pela falta de conhecimento dos produtores.

Na Bahia, há registro de venda da raiz orgânica R\$ 0,50 mais cara que o produto convencional que gira em torno de R\$ 2,00. Em São Paulo, a raiz embalada e vendida nos supermercados não sai por menos de R\$ 4,00 o quilo. A forma processada (farinha), certificada orgânica no mesmo estado não é encontrada por menos de R\$ 10,00 o quilo enquanto o pequeno produtor do Baixo Madeira vende o quilo de sua farinha por R\$ 2,50 e o produto chega na mão do consumidor final por cerca de R\$ 4,00. Essa informação de valores dificilmente chega às comunidades ribeirinhas.

Cooperativismo

Cooperativa é uma associação de pessoas com interesses comuns, organizadas de forma democrática, contando com a participação de todos e respeitando direitos e deveres de cada um de seus cooperados. Pode-se entender a cooperativa como uma empresa que presta serviço aos seus cooperados, sem fins lucrativos.

O Cooperativismo busca pelo seu modelo de negócio reduzir os custos de produção, obter melhores condições de prazos e preços e agregar valor ao produto final de seus cooperados. Buscam colocar o produto do cooperado no mercado em conjunto conseguindo assim melhores e mais vantajosas condições do que eles teriam separadamente

O que é uma cooperativa?



Figura 1 - Modelo Cooperativista. Fonte: Própria.

Algumas cooperativas têm como finalidade processar os produtos do setor primário e comercializar estes produtos industrializados. São chamadas cooperativas agropecuárias.



Figura 2 - COOMADE. Fonte: Site COOMADE

Agroindústria de Farinha de Mandioca Manoel Fernandes

No distrito de Demarcação, foi inaugurada em 2016 a Agroindústria de Farinha de Mandioca Manoel Fernandes com aproximadamente 250 metros quadrados de área construída, contando com espaço interno e externo.



Figura 3 - Espaço da Agroindústria. Fonte: Arquivo Pessoal.

A capacidade de recepção e processamento diário de cerca de 900 quilos por dia de mandioca. A agroindústria fica distante cerca de 200 km da cidade de Porto Velho e é gerida pela Cooperativa de Agroextrativismo do Médio e Baixo Madeira – COOMADE.



Figura 4 - Maquinário da Agroindústria. Fonte: Arquivo Pessoal.

Oficina: “Cooperativismo – O que são cooperativas? Quais as vantagens?”

A necessidade de uma oficina que abordasse o tema cooperativismo foi percebida durante a visita precursora do professor Roberto Primo, orientador da equipe. Segundo o presidente da COOMADE, os pequenos produtores do distrito não sentiam a necessidade de serem cooperados, mesmo após inúmeras tentativas de diálogo. Entendiam que utilizando a casa de farinha da associação de moradores e vendendo o produto final separadamente teriam mais lucro. A oficina de cooperativismo teve como objetivo situar os produtores no cenário cooperativista explicando as vantagens baseadas na própria situação da comunidade.

Durante cerca de três meses, foram feitas pesquisas sobre o modelo cooperativista, cooperativas de sucesso, maneiras de se montar uma cooperativa entre outros assuntos relacionados com o tema para que a oficina atendesse às expectativas da comunidade, dos alunos e dos professores orientadores.

A metodologia planejada foram slides e vídeos, porém, ao chegar à comunidade, nos deparamos com uma situação diferente da imaginada. Por conta do horário, a oficina foi feita dentro da própria casa de farinha onde trabalhavam algumas pessoas naquela manhã. Aos dez participantes foram passadas as informações por meio de uma conversa. Em roda, em meio ao processo de produção da farinha, os produtores expuseram suas dúvidas e receios sobre a cooperativa instalada na comunidade e, junto com um representante da COOMADE, pudemos esclarecer muitos dos questionamentos feitos.



Figura 5 - Fabricação de Farinha durante a Oficina. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 6 - Oficina em Andamento. Fonte: Arquivo Pessoal.

Durante a oficina, pudemos perceber que a maioria dos produtores não entendia o real intuito da cooperativa instalada e como ela poderia os beneficiar. Ao princípio e ao final, tivemos um excelente feedback quando muitos deles entenderam e começaram a considerar se tornarem cooperados. Como havia também um representante da COOMADE na oficina, os produtores já saíram de lá com reunião de esclarecimento marcada junto à cooperativa.

Avaliações finais

Como objetivo da oficina, esperávamos que os produtores da região compreendessem o modelo cooperativista e suas vantagens para o cenário da comunidade. Este objetivo foi alcançado com sucesso. Em uma conversa informal com alguns produtores ao fim da oficina, percebemos o real interesse dos mesmos no tema cooperativismo.

A cooperativa diretamente ajuda na melhor colocação do produto final no mercado consumidor. O distrito de Demarcação produz uma farinha de qualidade mal colocada no mercado consumidor. Possui características únicas que não são levadas em conta na hora da venda. Os ganhos com o cooperativismo na região seriam enormes mesmo que, ao primeiro olhar, as vantagens não sejam tão evidentes.

Bibliografia

CONTO, A. J., CARVALHO, R. D., FERREIRA, C. A., & HOMMA, A. K. (1997). Sistemas de produção da farinha de mandioca no nordeste paraense. Embrapa Amazônia Oriental - Documentos (INFOTECA-E), 50.

Embrapa Rondônia. (2009). A cadeia agroindustrial da mandioca em Rondônia: situação atual, desafios e perspectivas. Porto Velho .

Freitas, C. G., Farias, C. S., & Vilpoux, O. F. (2011). A PRODUÇÃO CAMPONESA DE FARINHA DE MANDIOCA NA AMAZÔNIA SUL OCIDENTAL. Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, 29-42.

Pedroso, Í. L., & Júnior, J. C. (s.d.). PRODUÇÃO FAMILIAR E ASSOCIATIVISMO.

Ribeiro, A. K., & Ressutti, W. (Outubro 18 de 2016). Revista AgroRondonia. Fonte: <http://www.agrorondonia.com.br/noticias/agroindustria/agroindustria-de-farinha-e-inaugurada-em-rondonia>

Rondonia Ao Vivo. (13 de Março de 2016). Variedades de mandioca são avaliadas pela Embrapa de Rondônia. Fonte: <http://rondoniao Vivo.com/noticias/variedades-de-mandioca-sao-avaliadas-pela-embrapa-de-rondonia/14820>

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae. (2012). INFORÇÕES DE MERCADO SOBRE MANDIOCA (FARINHA E FÉCULA). Brasília.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. (18 de Novembro de 2014). Canal Rural - A força do campo. Fonte: <http://www.canalrural.com.br/noticias/arroz/estudo-traz-dados-sobre-cultura-mandioca-rondonia-49327>